

A CRÍTICA
LITERÁRIA
FEMINISTA
IBERO-AMERICANA

PERSPECTIVAS
TRANSATLÂNTICAS

ADRIANA APARECIDA DE FIGUEIREDO FIUZA
ALEXANDRA SANTOS PINHEIRO
ENCARNACIÓN MEDINA ARJONA
MARIA DE FÁTIMA ALVES DE OLIVEIRA MARCARI
(ORGANIZADORAS)

A CRÍTICA
LITERÁRIA
FEMINISTA
IBERO-AMERICANA

PERSPECTIVAS
TRANSATLÂNTICAS

MERCADO[®]
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

A Crítica literária feminista ibero-americana : perspectivas transatlânticas / organização Adriana Aparecida de Figueiredo Fiuza...[et al.]. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2023.

Outros autores: Alexandra Santos Pinheiro, Encarnación Medina Arjona, Maria de **Fatima** Alves de Oliveira Marcari
ISBN 978-85-7591-683-4

1. Crítica feminista 2. Crítica literária 3. Literatura brasileira – Crítica e interpretação 4. Literatura espanhola 5. Literatura latino-americana 6. Literatura portuguesa – Crítica e interpretação I. Fiuza, Adriana Aparecida de Figueiredo. II. Pinheiro, Alexandra Santos. III. Medina Arjona, Encarnación. IV. Marcari, Maria de **Fatima** Alves de Oliveira

23-146027

CDD-801.95

Índices para catálogo sistemático:

1. Crítica literária 801.95

capa: Studio Rotta Design Gráfico
gerência editorial: Vanderlei Rotta Gomide
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras
revisão final: dos autores
bibliotecária: Eliane de Freitas Leite – CRB 8/8415

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 3

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
<i>Lucia Osana Zolin</i>	
APRESENTAÇÃO	15
<i>Adriana Aparecida de Figueiredo Fiuza, Alexandra Santos Pinheiro, Encarnación Medina Arjona María de Fátima Alves de Oliveira Marcari</i>	
INTRODUCCIÓN – CRÍTICA LITERARIA FEMINISTA Y LITERATURAS HISPÁNICAS.	19
<i>Brígida M. Pastor</i>	
LÉLIA GONZALEZ	55
<i>Eurídice Figueiredo</i>	
ALICIA PULEO Y EL ECOFEMINISMO	71
<i>Encarnación Medina Arjona</i>	
RITA TEREZINHA SCHMIDT: CRÍTICA, REVISIONISTA, CONTESTADORA.	85
<i>Alexandra Santos Pinheiro e Paulo Henrique Pressotto</i>	
CÈLIA AMORÓS PUENTE	105
<i>María Luisa Femenías</i>	

ANA DE MIGUEL, DE LA HISTORIA DEL FEMINISMO AL MITO DE LA LIBRE ELECCIÓN.	125
<i>María Dolores Aybar Ramírez</i>	
MARÍA LUGONES: CAMINHOS PARA UM FEMINISMO DECOLONIAL	149
<i>Geovana Quinalha de Oliveira e Marta Francisco de Oliveira</i>	
LUZ MARY GIRALDO, UNA FIGURA POLIFACÉTICA DE LA LITERATURA COLOMBIANA Y SU CONTRIBUCIÓN A LA LITERATURA FEMENINA.	167
<i>Mehmet Ilgürel</i>	
“MEMÓRIAS DA PLANTAÇÃO”, DE GRADA KILOMBA: UM PROCESSO TERAPÊUTICO MULTIDISCIPLINAR EM PROL DA CURA DO TRAUMA COLONIAL E RACIAL . . .	191
<i>Algemira de Macêdo Mendes e Shaianna da Costa Araújo</i>	
A REVOLUÇÃO DOS CRAVOS DE 1974 NA VOZ DE SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN: FAZENDO DA POESIA LIBERDADE.	213
<i>Simone Maria Martins e João Carlos Relvão Caetano</i>	
ARQUEOLOGIA LITERÁRIA: A CONTRIBUIÇÃO DE ZAHIDÉ MUZART PARA A CRÍTICA LITERÁRIA FEMINISTA NO BRASIL	237
<i>Eliane do Amaral Campello e Rosana Cássia dos Santos</i>	
TRANSFERÊNCIAS EM MARIA TERESA HORTA: O (DES)TECER DA MEMÓRIA	259
<i>Elizete Albina Ferreira</i>	
FEMINISMO DESCOLONIAL EM TRADUÇÃO NA AMÉRICA LATINA – O QUE NOS ENSINA YUDERKIS ESPINOSA MINÓSO	277
<i>Lilíam Ramos</i>	
ROSARIO CASTELLANOS, PIONEIRA DO FEMINISMO MEXICANO	303
<i>Maria de Fátima Alves de Oliveira Marcari e Fernanda Aparecida Ribeiro</i>	
AUTORAS E AUTORES	319

A REVOLUÇÃO DOS CRAVOS
DE 1974 NA VOZ DE:
SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN
FAZENDO DA POESIA LIBERDADE

Simone Maria Martins
João Carlos Relvão Caetano

Introdução

No presente estudo, analisamos a Revolução de 25 de abril de 1974 em Portugal, que instaurou a democracia, na perspectiva da crítica social-literária da poeta Sophia de Mello Breyner Andresen, nascida na cidade do Porto, em 1919.

No fundamental, buscamos identificar a voz da escritora portuguesa mediante a análise de entrevistas que a própria concedeu a órgãos de comunicação social portugueses, assim como da sua poética, que constituiu um divisor de águas em favor da democracia política e social em Portugal. Como veremos, a autora defende uma democracia cosmopolita, com características muito particulares.

A análise incide sobre duas entrevistas radiofônicas e quatro poemas da autora, pelo que é a própria voz autoral que apreciamos

na sua expressão e intencionalidade de denúncia da realidade pura e dura da ditadura portuguesa e na proposição de caminhos de futuro para o país.

O estudo estrutura-se em seis momentos, contando com a presente introdução (primeiro momento) e as considerações finais (sexto momento). O segundo momento retrata aspectos históricos da institucionalização da política do Estado Novo português, um regime autocrático construído à imagem e semelhança de Salazar (1889-1970), líder político do país durante quase 40 anos, e de como a Revolução de 25 abril de 1974 abriu sendas de esperança ao povo português. É neste contexto que intentamos perceber a influência de Sophia, que interveio ativamente no processo revolucionário, visto na sua dimensão cultural, política e cívica.

Num terceiro momento, debruçamo-nos sobre a Revolução dos Cravos, nome dado ao movimento militar insurreto que encontrou nas ruas o povo que trocou armas por flores, como forma estética, para além de política, de derrubar um regime e inaugurar outro. A instauração da democracia em Portugal foi um acontecimento inédito em que a construção das novas estruturas políticas e sociais se iniciou não apenas entre os militares que perpetraram o golpe militar, mas nas ruas feitas de gente.

No quarto momento, abordamos a crítica social andreseniana, trazendo como ponto fundamental a força e a coragem da poeta expressas de forma plena na entrevista que concedeu à Emissora Nacional em 1974, poucos dias depois da Revolução. A entrevista foi retransmitida posteriormente no programa “A Força das Coisas”, da rádio Antena 1, em 2006, estando disponível na internet.¹ Nesse período, Sophia apontou a essência da crítica literária feita no feminino, que, no seu caso, serviu para alertar quanto a necessidade de Portugal e os demais países europeus saírem da alienação de uma literatura fechada sobre si mesma e que condicionava a sociedade nas suas possibilidades de libertação. Trazemos ainda alguns excertos de

1. A entrevista está disponível aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=e-5JU6e44lw8>

uma outra entrevista concedida pela autora a Maria da Conceição Ferreira Machado Vaz, em 1980, transmitida também pela rádio pública portuguesa², na qual Sophia esboça o que para ela era uma necessidade vital do ser humano em relação às coisas, a si próprio e aos outros. A voz da poeta acenava, mais uma vez, para a necessidade de construção urgente de um processo de desalienação cultural como base de desenvolvimento político e intelectual, construindo janelas de liberdade para Portugal, em direção ao mundo.

No quinto momento, fazemos eco da crítica literária de Sophia inscrita no seu fazer poético em que busca a concretização de avanços sociais ancorados em mudanças políticas e na produção de novos saberes essenciais da humanidade. Sophia aposta em grandes transformações para Portugal desde que este, assumindo-se em processo de libertação, fosse capaz de romper com a literatura eurocêntrica (a ideia já defendida em 1974) e se adentrasse (no exemplo que dá) na descoberta da literatura africana, transcendendo aspectos culturais ultrapassados, vistos como resquícios dos tempos da colonização, e tornando atuais os dias das pessoas (por outras palavras, tornando-os dias estimulantes e autênticos). Essa seria a forma de aproximação entre povos forjada na amizade mútua que aspira sempre a novos voos e experiências.

Para compreendermos a dinâmica poética de Sophia, servimo-nos de quatro poemas constantes de obras diferentes que transcendem o momento histórico de implantação da democracia em Portugal, em 1974 (um deles é até anterior a esse momento), projetando-se como um futuro possível para o país e os seus cidadãos.

Utilizamos os livros organizados pelo pesquisador brasileiro Eucanaã Ferraz (2018),³ que nos permitem fazer uma viagem na qual ressoa em pleno a crítica literária de Sophia. O primeiro poema é “O Velho Abutre”, escrito em 1962, durante a ditadura, no qual Sophia demonstra, de forma veemente e contundente, a

2. A entrevista está disponível aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=in9wyfNOetg>

3. Org. Eucanaã Ferraz. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

sua indignação com o regime salazarista. O Velho Abutre não é mais nem menos do que Salazar, e a verdade é que o livro e o poema passaram ao controle da censura (embora supostamente não houvesse censura de livros) e tiveram um impacto enorme. Na verdade, aconteceu o mesmo com os demais poemas que analisaremos, que foram publicados já em período democrático. Os poemas são relevantes do fazer poético da autora, não só na defesa de uma ruptura com a realidade vigente, como mediante um persistente grito pela liberdade, ampliando os passos para a conquista de um Estado democrático de direito por parte do povo.

Nas conclusões, dá-se sumariamente conta do significado da obra andresiana para Portugal e o mundo à luz do significado que a autora atribuiu à Revolução e que foi publicamente reconhecido.

Um breve percurso que retrata a Revolução dos Cravos

Em 25 de abril de 1974, houve um golpe de Estado em Portugal, promovido pelos militares, que pôs termo a 48 anos de ditadura (corporizada, primeiro, pela Ditadura Militar, entre 1926 e 1933, e, depois, pelo Estado Novo, entre 1933 e 1974).⁴ Atendendo a que o golpe de Estado se apoiou num programa político específico que visava a instauração de uma democracia política e social e contou com o apoio imediato da população, que, numa manifestação espontânea que ficou mundialmente famosa, distribuiu cravos e conviveu com os soldados nas ruas, diz-se que houve uma Revolução.⁵ A Revolução dos Cravos em Portugal é

4. Para uma breve panorâmica, acessar o vídeo da RTP - Ensina intitulado “Do Estado Novo à primeira constituição democrática”, disponível em: <https://ensina.rtp.pt/artigo/do-estado-novo-a-primeira-constituicao-democratica/>.

5. Ver o vídeo referido na nota anterior e ainda o vídeo da RFM intitulado “Celeste Caeiro, a mulher que deu cravos ao 25 de abril”, disponível em: <https://rfm.sapo.pt/content/10082/celeste-caeiro-a-mulher-que-deu-cravos-ao-25-de-abril>.

singular porque não implicou derramamento de sangue. Nesse sentido, é diferente da maior parte das revoluções que conhecemos.⁶

A transição de regime político foi pacífica porque os portugueses estiveram com o Movimento das Forças Armadas (MFA), que organizou o golpe de Estado. Embora Portugal não tivesse uma tradição democrática consolidada e apresentasse défices estruturais de desenvolvimento significativos, o povo não só pretendia a mudança de regime como estava preparado para viver em democracia.⁷

Porém, a transição para a democracia não foi fácil. Apesar do bom acolhimento do golpe de Estado pelas elites e pelas pessoas comuns, houve tensões no processo revolucionário, decorrentes das diferentes visões dos atores políticos, que só foram resolvidas ao fim de alguns anos, em particular, em 1976, com a aprovação e a entrada em vigor da Constituição democrática, e, em 1982, com a primeira revisão constitucional, que aperfeiçoou a lei fundamental e a adequou aos cânones liberais ocidentais.⁸

Sendo indiscutível o papel dos militares na Revolução, não foi o único relevante. Com efeito, na sociedade portuguesa foram muitas as vozes que, antes e depois da Revolução, se manifestaram a favor da democracia e contra os perigos de potenciais novos desvios autocráticos, mormente no campo da cultura e das artes. Entre essas vozes, há a destacar a voz original, incisiva e clara de Sophia.⁹

6. É possível ver 25 imagens significativas da Revolução, assim como aceder a outros materiais relevantes, em: <https://www.gqportugal.pt/revolucao-dos-cravos-25-de-abril-em-imagens>.

7. Ver o filme *Capitães de Abril*, de Inês de Medeiros, que está disponível em (“Capitães de Abril retrata revolução que derrubou ditadura salazarista em Portugal”): <https://www.holofotenoticias.com.br/mundo/capitães-de-abril-retrata-revolucao-que-derrubou-ditadura-salazarista-em-portugal-assista-filme>.

8. Para mais informações, ver: <https://www.parlamento.pt/RevisoesConstitucionais/Paginas/default.aspx>.

9. Um documentário muito interessante sobre o percurso poético e cívico de Sophia está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s0MhPFK1OjY>.

Dissemos que o povo português saiu espontaneamente à rua para oferecer cravos aos militares, e que isso foi essencial para que a Revolução tivesse vingado. Não se ignora que havia uma grande tensão nos meios políticos e nos quartéis. Mas será que a ação do povo foi assim tão importante e essencial para a instauração da democracia?

A utilização do conceito de revolução tem neste caso um significado peculiar. Houve uma revolução porque o levantamento militar foi bem acolhido pela população, que pretendia que o país mudasse de rumo. Para o ambiente de insatisfação popular concorreram vários fatores, em particular a guerra colonial (em Angola, Moçambique e Guiné), que durava já há treze anos, com mais de 9.000 mortos e mais de 30.000 feridos e estropiados entre os militares portugueses, atingindo a maioria das famílias. Além do mais, havia 150.000 homens nos vários teatros de guerra, obrigados a fazer longas comissões de serviço.¹⁰ Nos inícios da década de 1970, cerca de cinquenta por cento do orçamento do Estado português estava dedicado ao esforço de guerra (Ferraz 2019). Além disso, o país era pobre. Nesse período, e por essa razão, foi intensa a emigração portuguesa para os países europeus mais desenvolvidos, sobretudo para França, Alemanha, Suíça e Luxemburgo.¹¹ Se a guerra e as condições socioeconômicas insuficientes favoreceram o apoio do povo à mudança do regime político, isso só por si não explica a Revolução, que foi bem-sucedida porque o povo tomou

10. Sobre o tema, ver “Baixas na guerra colonial são maiores do que se pensava”, disponível em <https://www.dw.com/pt-002/baixas-na-guerra-colonial-s%C3%A3o-maiores-do-que-se-pensava/a-59132358>. Ver ainda “Quantos morreram na Guerra Colonial”, disponível em <https://www.sabado.pt/vida/detalhe/quantos-morreram-na-guerra-colonial>.

11. Ver “Sessenta anos de migração portuguesa”, RTP Ensina, disponível em <https://ensina.rtp.pt/artigo/sessenta-anos-de-emigracao-portuguesa/>.

consciência do tipo de regime em que pretendia viver, que não era mais uma ditadura.

Com efeito, criara-se durante décadas a dúvida sobre se o povo português estaria preparado para viver em democracia. O Estado Novo propagara a ideia de que a democracia não se ajustava ao modo de ser dos portugueses. Salazar, o chefe político do regime, considerava que os portugueses não se dariam bem com a democracia liberal (Caetano 1955 ; 1986). E mesmo o seu sucessor na presidência do Conselho, Marcelo Caetano (1906-1980), por muitos visto como um “liberal” do regime e que inaugurou, no seu consulado (iniciado em 1968), o que ficou conhecido como “a primavera marcelista”, ou seja, um tempo de abertura (no aligeiramento da censura, na maior tolerância em relação a algumas formas de expressão artística), não quis a mudança,¹² de que poderia aliás ter beneficiado. Pelo contrário, Caetano continuou, entre outras coisas, a defender a proibição dos partidos políticos, apesar do simulacro de eleições legislativas regulares a que concorriam associações de cidadãos. Mas na revisão constitucional de 1971, confirmou a alteração constitucional de 1959 que estabelecia a eleição indireta do presidente da República. Com efeito, até esse ano o presidente da República fora eleito por sufrágio direto e universal, mas anteriormente em 1958 a oposição reuniu-se no apoio a um candidato forte (Humberto Delgado), o qual, embora tendo perdido a eleição para o candidato do regime (Américo Thomaz), forçou a que o mesmo regime não tivesse ousado mais organizar uma eleição presidencial direta. Nos últimos anos da sua vigência, o Estado Novo sofreu um forte desgaste, também por estas razões.

O ideário da Revolução pode ser resumido nos três “D” do Programa Político do Movimento das Forças Armadas (MFA): “Democratizar, Descolonizar e Desenvolver”.¹³ Foi esse programa que convenceu os portugueses da bondade da Revolução. Em

12. Ver “Políticos Portugueses – Marcello Caetano”. RTP, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=T_kystlBNlI.

13. O programa do MFA está disponível em: <http://www1.ci.uc.pt/ihti/proj/docs25a/MFA1-2.HTM>.

primeiro lugar, o compromisso com a alteração do regime político, por forma a que Portugal se tornasse uma democracia liberal, à semelhança da maioria dos países da Europa ocidental de então. Em segundo lugar, o compromisso com a descolonização. Portugal persistia então numa política colonial que estava em contraciclo com o que se passava no mundo e os portugueses estavam abertos a adaptar-se aos novos ventos do mundo. Em terceiro lugar, o compromisso com o desenvolvimento. A ditadura deixara o país atrasado em muitos domínios – por exemplo, no acesso à educação, aos cuidados de saúde ou à proteção social.¹⁴

A Revolução dos Cravos dispensou a força das armas. Na verdade, poderia ter havido confrontos violentos entre as forças revoltosas e as forças afetas ao regime, mas foi possível evitá-los. A alegria sentida nas ruas, em que os militares foram acolhidos e envolvidos pelas pessoas comuns, determinou a vitória da Revolução. Esta não aconteceu por acaso, dado que foi preparada por muitas pessoas. Em primeiro lugar, pelos militares, mas também por todos aqueles que, durante décadas, resistiram ao regime, entre as quais políticos oposicionistas, que faziam uso dos instrumentos que o regime lhes permitia, mormente alguma imprensa, assim como resistentes clandestinos, académicos, artistas, entre outros.

A Revolução é mais o fruto da ação de pessoas corajosas do que das massas, apesar da reconhecida resistência de muitos trabalhadores organizados clandestinamente, sobretudo pelo Partido Comunista. Referimo-nos a pessoas que, pelo exemplo, capacidade de organização e voz pública, conseguiram influenciar as consciências e produzir um movimento novo a favor da democracia.

Esta reflexão é muito importante porque, ao contrário do que se poderia pensar, semanas e meses após a Revolução, a democracia não estava segura. E assim como durante a ditadura as vozes que pretendiam uma transição democrática se fizeram ouvir de forma decisiva, também depois da Revolução essas vozes foram

14. Mais informação disponível aqui (“Sociedade do Estado Novo”): [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$sociedade-do-estado-novo](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$sociedade-do-estado-novo).

essenciais para que a democracia, entre perigos e ameaças graves, se consolidasse. Assim como não há democracia sem povo, uma democracia só se consolida quando há quem assuma a defesa do ideal, ao lado e como parte do povo.

Sophia, lugar de coragem

Sophia de Mello Breyner nasceu em 1919 no seio de uma família aristocrática, onde se cultivavam as artes, que ela própria abraçou. Desde cedo começou a escrever, especialmente poesia e contos. Em 1946, casou-se com o advogado e jornalista Francisco de Sousa Tavares, um monárquico opositor do regime vigente. Em sua casa, reuniam-se opositores e conspirava-se contra Salazar. Sophia assumiu desde cedo uma forte consciência política contra o regime e o seu líder, que denunciou no já referido poema “O Velho Abutre” (1962). Mais tarde, desejou uma Revolução pacífica, à qual se ligam outros poemas notáveis, como é o caso de “25 de Abril” (1974, p. 29):

Esta é a madrugada que eu esperava
O dia inicial inteiro e limpo
Onde emergimos da noite e do silêncio
E livres habitamos a substância do tempo.

Neste poema, podemos sentir o exalar dos cravos e o festejar da alma profética de Sophia, que vibra na madrugada tão almejada, tão esperada e por décadas tão sonhada.

Depois da Revolução, empolgada pela conquista de sua nação, Sophia foi deputada constituinte pelo Partido Socialista. Foi uma experiência de um ano (1975-1976),¹⁵ que não foi

15. Ver “Sophia de Mello Breyner Andresen”, RTP, disponível em: <https://media.rtp.pt/memoriasdarevolucao/acontecimento/sophia-de-mello-breyner-andresen/>.

suficientemente gratificante e, por isso, não repetiu, por não ser essa a sua vocação. Já o seu marido fez uma carreira política nos dois principais partidos políticos portugueses, o Partido Socialista e o Partido Social-Democrata, pelos quais foi parlamentar, ministro e figura de referência.¹⁶ A consciência política de Sophia levou-a a manter relações próximas com alguns próceres do regime, com destaque para Mário Soares (1924-2017), a principal figura da democracia portuguesa no pós-Revolução, que foi sucessivamente ministro, primeiro-ministro e presidente da República.

Antes e depois de 25 de abril de 1974, Sophia de Mello Breyner Andresen é exemplo de uma voz incisiva e inconfundivelmente pessoal que combate a ditadura e defende os ideais democráticos. A sua literatura constitui uma forma de representação pessoal de um projeto novo e democrático para Portugal. A sua poesia, em particular, denota um projeto de intervenção pessoal que procura enquadrar Portugal num tempo novo que estava nascendo.

Com base no excerto recuperado pelo jornalista Luís Caetano no programa “A Força das Coisas”, da Antena 1, disponível desde 2006 na Plataforma *Youtube*, trataremos, em seguida, de reproduzir na íntegra suas palavras concedidas ao público dez dias depois da Revolução dos Cravos.

Sophia abre a entrevista destacando a importância da cultura africana, ao afirmar que “A civilização e a cultura dos povos da África são necessárias aos povos do Ocidente. A cultura ocidental está gasta e necessitada de um encontro daquela renovação que é o encontro com o mundo”. Ressalta que “Há todo um mundo de coisas que nós poderíamos ir encontrar na cultura dos povos africanos”. E remata dizendo: “Nós, aliás, é que vemos em muitos aspectos que a arte africana influenciou a cultura moderna e

16. Ver “Francisco Sousa Tavares: 100 anos do nascimento de um homem corajoso. Foi advogado, jornalista e ministro. Opôs-se à ditadura e foi um dos personagens do 25 de Abril de 1974” (Nuno Domingues, 12 junho de 2020). Disponível em: <https://www.tsf.pt/portugal/sociedade/francisco-sousa-tavares-100-anos-do-nascimento-de-um-homem-corajoso-12303261.html>.

que há muitos pontos em que o intelectual e o artista europeu procuram valores que na Europa se perderam”. Para ela, essa cultura permanece intacta e viva, com textos carregados de uma extraordinária força renovadora na cultura dos povos africanos.

Neste contexto, Sophia destaca dois escritores africanos como sua principal referência. Eis suas palavras: “Há certos poetas africanos que eu admiro muito, como, por exemplo, os poetas Mário Pinto de Andrade e José Craveirinha, com poemas que carregam uma vitalidade e um poder de imaginação e um poder de linguagem verdadeiramente sensacional”.

Depois expressa a sua opinião de que há na África “uma poetisa extraordinariamente boa e que tem poemas lindíssimos, chamada Noémia de Sousa. Ela tem um poema que termina num verso que, para mim, lembra esta Revolução de 25 de abril”. Sophia então declama o verso: “Um dia o sol inundará a vida e será como uma nova infância raiando para todos”. Depois, aborda a questão da desalienação cultural do povo europeu, nos seguintes termos: “Eu acho que um dos grandes problemas do povo português e de todos os povos modernos do mundo ocidental é a alienação cultural”.¹⁷

Ainda dentro deste conceito, destaca que, “de certa maneira, do ponto de vista da cultura, estamos divididos em castas e nenhuma democracia real é possível enquanto não houver uma plataforma comum de cultura, a que todos tenham acesso”. Considera ainda que “a cultura não é só saber, erudição, mas sim educação para aumentar a consciência e para que uma política democrática seja possível, [pelo que] é preciso começar desde já a trabalhar para uma desalienação cultural”.

Para Sophia, existem dois fatores principais causadores de alienação cultural: a falta de acesso aos livros e a ausência de

17. Na entrevista, Sophia utiliza a expressão “alienação cultural” com o significado de alheamento, desvario ou desatino cultural, ao mesmo tempo que utiliza a expressão “desalienação cultural” com o significado oposto, de libertação cultural.

casa própria. Em primeiro lugar, aponta que “essa desalienação cultural evidentemente que se faz no ensino, mas o ensino em si não chega”. Afirmar ainda que “há muitas formas de a desalienação cultural ser procurada; [...] há um ponto em que sempre trabalhei como consciência política: foi o fato de escrever para crianças”. Sophia lamenta e destaca que lhe doeu muito pensar que havia livros e artigos que escrevia e que dirigia a todos mas que, salvo raras exceções, só poderiam ser entendidos por um pequeno número de homens privilegiados que foram educados na infância para compreender uma cultura mais evoluída.

Nesta entrevista, a autora profere uma frase muito reveladora: “Isto é para o escritor como uma doença, como uma ferida, [porque] um escritor que só pode ser compreendido por algumas pessoas não chega a ser inteiramente um escritor. A arte dos tempos antigos mostra-nos, por exemplo, as catedrais góticas ou a *Ilíada* e a *Odisseia*, que eram para um país inteiro, onde um povo inteiro podia se encontrar consigo próprio e se podia reconhecer”.

Logo em seguida, ao se lamentar da desigualdade social no mundo literário e político, destaca que, “de certa forma, era esta literatura que eu gostaria de escrever, mas, no tempo atual, fica extremamente difícil de escrever e, por isso, eu comecei a escrever para as crianças, porque a criança ainda não está marcada por nenhuma casta cultural”.

Para Sophia, “a mesma história escrita para crianças é entendida exatamente ao mesmo nível pelo filho do camponês, pelo filho do operário ou pelo filho de um professor universitário”. Porém, não deixa de apontar que existe um problema nos livros escritos para crianças, que sempre a preocupou muito e que considerava ser um problema muito difícil de resolver dentro de uma organização social capitalista: o elevado preço dos livros.

Na concepção da escritora, o livro para crianças deve abrir-se ao horizonte de uma cultura letrada, mas deve também se abrir ao horizonte de uma cultura plástica, conforme menciona: “Aliás,

eu já perguntei várias vezes em reuniões com crianças se querem um livro cuja ilustração seja bela”. É neste contexto que se indigna com o alto custo da ilustração dos livros. É justamente por isso que, segundo a autora, acontece uma coisa terrível no regime capitalista, em que livros com ilustrações belas podem apenas ser comprados por crianças de famílias privilegiadas.

No decorrer de sua fala, Sophia diz ainda: “Eu não sou economista e não sei planejar ou programar os problemas práticos, mas acredito que deve ser pensada uma maneira de editar livros para crianças”. Sophia almejava que isso ocorresse de uma maneira em que fosse possível que todas as crianças tivessem acesso aos bons livros. Para ela, deveria haver medidas efetivas de promoção do livro infantil, pelo que defendia abertamente, não sabendo ela a resposta, que se estudasse a questão.

Acrescentava a autora que, da mesma maneira que sabe bem produzir o melhor quadro possível, sabe também bem produzir o melhor livro possível, pelo que o livro que corresponde ao mais alto grau de cultura de uma época (e ela falava concretamente de sua época) deve ser disponibilizado a todas as crianças.

Há um outro aspecto de uma política efetiva de desalienação cultural que Sophia aponta como sendo muito importante, que é garantir a todos a possibilidade de ter uma casa. Refere a autora que a primeira reclamação que as pessoas com uma vida econômica difícil fazem prende-se com a casa que precisariam de ter para viver dignamente e não têm. A casa é, segundo a poeta, a imagem do mundo que serve melhor as necessidades humanas. Para Sophia, por maiores distrações que se ofereçam no mundo exterior, um homem sem uma casa que seja verdadeiramente sua é um homem alienado.

Sophia destaca que não basta ter uma casa com um teto que impeça a chuva de entrar, é necessário que a casa tenha beleza. As suas palavras, a este propósito, são incisivas e proféticas: “Acredito que a beleza é necessária ao homem”. Para ela, o homem privado da beleza jamais alcança equilíbrio interior ou nas suas relações. Em sua opinião, desde os tempos mais antigos, quando ainda havia caçadores

de renas, que se sabe que a beleza é uma necessidade humana. Acrescenta ainda que “a beleza não é um luxo dos privilegiados, não é um ornamento, [...] não é estar nos salões dos palácios”. Pelo contrário, a beleza deve estar na rua e na casa de cada um, sendo que a necessidade de beleza não é cara. Segundo Sophia, é tão caro construir um prédio feio como construir um prédio bonito, pelo que se deve preferir sempre construir com beleza.

Ao (re)tratar o conceito de beleza, a poeta brasileira Adélia Prado diz que é a única via possível. E alerta que, quando fala de “beleza”, não está falando de “boniteza”, mas da forma que a arte consagra. Na sua definição, “a forma, a beleza, revela o ser das coisas” [...] (Prado 2008, p. 1). É do mesmo modo que Sophia também define a arte, ou seja, como expressão da beleza como primordial necessidade humana.

Na segunda entrevista que analisamos, concedida a Maria da Conceição Ferreira Machado Vaz, quando já tinham passado oito anos sobre a ocorrência da Revolução dos Cravos, Sophia reflete sobre as suas expectativas iniciais de democratização do país. A autora tem um discurso ácido, mostrando-se desencantada com os avanços revolucionários. Conforme Oliveira (2018, p. 14) nos relata:

As críticas de Sophia de Mello Breyner Andresen, na altura dos anos 80 e 90, devem ser entendidas como decorrentes das expectativas que haviam sido projetadas no âmbito social após o 25 de abril, muitas das quais não puderam ser executadas. Observa-se que a poetisa atribuía o insucesso das políticas sociais a questões administrativas, como também ao fato de grande parcela dos portugueses não demonstrarem responsabilidade com a cidade que habitavam, com a língua materna e com a história do país [...] Em torno dessas questões residia a preocupação de Sophia com a criação e implementação de projetos socioeconômicos que favorecessem o redimensionamento tanto das instituições governamentais quanto da mentalidade do homem português, projeto a ser construído por um corpo social que ainda estava

tomando consciência da necessidade de seus papéis no território nacional e no restante do mundo.

Nesta segunda entrevista, Sophia inicia sua fala dizendo que a escrita poética é uma necessidade vital, assim como é fundamental a relação do ser humano com a palavra. Por isso, afirma que “o homem realiza sua identidade por meio da palavra poética”.

A entrevistadora lembra que Sophia contribui, com suas obras, para a reconstrução do mundo, mediante a reivindicação de amplas transformações sociais, sendo que essa contribuição chega diretamente ao público (por exemplo, às escolas, onde vários de seus textos poéticos são de leitura obrigatória). A poeta afirma estar ciente dessa sua contribuição, inclusive resgatando uma fala sua anterior ao 25 de abril, que fora censurada pela ditadura, na qual dizia que “a poesia é a contestação radical”. Para ela, a poesia é sinônimo de algo mais verdadeiro do que simples palavras de circunstância ou promessas vãs; a poesia é o que possibilita deixar as coisas (a vida, as relações humanas) mais justas e mais livres.

A voz de Sophia: por uma crítica literária em busca da desalienação cultural

Dentre os muitos poemas de Sophia com uma dimensão de crítica da realidade, destacamos quatro que abrangem um período temporal longo que se estende da ditadura à Revolução dos Cravos e tempos imediatamente posteriores. Antes de nos adentrarmos nos poemas, vale relembrar o que Michelle Perrot (2006, p. 11), historiadora e feminista francesa, dizia das mulheres, a saber, que elas tiveram que esperar até o final do XIX para ver reconhecido seu direito à educação e muito mais tempo para poderem ingressar nas universidades. Porém, somente no século XX, ainda segundo a mesma autora, se descobriu que as mulheres têm uma história e,

mais tarde ainda, que podem conscientemente tentar tomá-la nas mãos, com seus movimentos e reivindicações.

[...] sua consciência crítica vigilante, decididamente moderna, nunca desviou das ruínas do mundo. Contudo mesmo havendo caos, ameaças e mortes, trata-se de uma escrita que busca devolver “a perspectiva de fundação de uma vida pacificada e justa”. (Eucanaã 2018, p. 19)

É justamente em tempo de conquistas por meio de lutas e reivindicações que encontramos Sophia. Iniciamos a análise do seu pensamento pelo livro *Sexto* (1962), que inclui o já referido poema “O Velho Abutre” (p. 194). Já no livro *Geografia* (1967), a poeta faz uma contextualização histórico-geográfica-temporal da vida das pessoas na contemporaneidade. No poema “Essa Gente”, Sophia faz ressoar toda sua sensibilidade e indignação perante um mundo injusto. Do livro *Dual* (1972) consta o instigador poema “A Paz sem Vencedor e sem Vencidos”, em que Sophia defende que a paz é o único caminho possível para pôr termo a uma guerra injusta que sangrou o país durante longos anos. Já depois da Revolução dos Cravos, um dos seus livros mais consagrados, *O Nome das Coisas* (1977), contém um poema autobiográfico, intitulado “A Forma Justa”, no qual Sophia descreve a sua função como poeta.

Conforme aferimos nos estudos de Silva,

Sophia tem um papel crítico científico inerente a modernidade da função crítica ao refletir sobre a criação poética de importantes escritores, como Cecília Meireles, Camões e Holderlin. A poeta nos dá mostras também desse diálogo com poemas dedicados, por exemplo, a Pascoaes, Byron, Rui Cinati, João Cabral, Cesário Verde, Luíza Neto Jorge. Além dos ensaios, escreveu cinco Artes Poéticas, que desvelam meditações marcantes sobre seu próprio fazer literário. (Silva, p. 43)

Nahas tece a hipótese que os poemas de Sophia “se relacionam de forma mais direta, ao contexto sociopolítico que estivesse inserida e o que influenciava a voz poética dos poemas a se colocar de forma crítica e em posição de resistência” (Nahas 2015, pp. 108-109). Esse movimento encontrado em sua crítica literária, rechaça o viés de uma crítica da linguagem e do fazer poético, conforme estabelece sua escrita debruçada no ser, nas coisas, no homem e no mundo.

Ao pensarmos na intencionalidade da crítica literária de Sophia, temos como marco o poema “O Velho Abutre”, pela veemência com que resiste a Salazar, o ditador em voga:

O velho abutre é sábio e alisa as suas penas
A podridão lhe agrada e seus discursos
Têm o dom de tornar as almas mais pequenas
(Andresen *apud* Ferraz 2018, p. 194)

É de forma irônica que Sophia concretiza sua crítica literária, em função da crítica social ao ressaltar Salazar de forma subliminar referindo-se aos discursos de um velho abutre, homem sábio que se alimenta da podridão para fazer as almas mais pequenas.

Em 1972, Sophia deu à estampa o livro *Dual*, no qual antecipa a divisão de águas que marcaria a inauguração da democracia em Portugal. Do livro consta um poema emblemático intitulado “A Paz sem Vencedor e sem Vencidos”, no qual a poeta clama por paz diante dos abusos do regime que se alastravam por quase meio século. Eis o poema:

Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos
A paz sem vencedor e sem vencidos
Que o tempo que nos deste seja um novo
Recomeço de esperança e de justiça
Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos

A paz sem vencedor e sem vencidos

Erguei o nosso ser à transparência
Para podermos ler melhor a vida
Para entendermos vosso mandamento
Para que venha a nós o vosso reino
Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos

A paz sem vencedor e sem vencidos

Fazei Senhor que a paz seja de todos
Dai-nos a paz que nasce da verdade
Dai-nos a paz que nasce da justiça
Dai-nos a paz chamada liberdade
Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos

A paz sem vencedor e sem vencidos

(Andresen *apud* Ferraz 2018, p. 251)

O conceito de escrita feminina fornece uma forma de falar sobre a escrita das mulheres que reafirma o valor do feminino e identifica o projeto teórico da crítica feminista como uma análise da diferença (Showalter 1981, p. 186). Por isso, trazemos a reflexão de Showalter (1981), ao apontar a ginocrítica qual abarca quatro diferentes facetas do feminismo (biológica, cultural, linguística e psicanalítica), sem deixar que uma se sobreponha a outra.

Assim, a ginocrítica se refere “a uma base biológica, que permite observarmos muito mais a um local onde procurar uma imanência do que um destino pré-estabelecido, não deixando de fora outras performatividades”. Ao atribuir a um texto a dimensão de crítica literária, é possível traçar pelo caminho da ginocrítica, considerando “a crítica como poesia, a poesia como crítica, ou a poesia da crítica” (Souza e Pereira 2017, p. 4).

Com esse olhar a ginocrítica nos permite observar seu poema de 1967, onde a poeta faz uma poderosa crítica política e social ao descrever a situação precária da sociedade portuguesa

fadada, se nada se fizesse para a contrariar, à alienação moral e à corrupção cultural que a destrói por dentro e nos seus alicerces. Referimo-nos ao poema “Esta Gente”:

Esta gente cujo rosto
Às vezes luminoso
E outras vezes tosco
Ora me lembra escravos
Ora me lembra reis
Faz renascer meu gosto
De luta e de combate
Contra o abutre e a cobra
O porco e o milhafre
Pois a gente que tem
O rosto desenhado
Por paciência e fome
É a gente em quem
Um país ocupado
Escreve o seu nome
E em frente desta gente
Ignorada e pisada
Como a pedra do chão
E mais do que a pedra
Humilhada e calcada
Meu canto se renova
E recomeço a busca
De um país liberto
De uma vida limpa
E de um tempo justo
(Andresen *apud* Ferraz 2018, p. 202)

Neste contexto histórico, a voz da poeta ento a o descontentamento profundo com a política do Estado Novo e sua preocupação com o sofrimento das pessoas. “Sophia Andresen retoma o feito histórico e de construção da nação portuguesa para, a partir disso, recolocar Portugal do seu tempo, sendo destruído aos poucos por um governo ditatorial” (Nahas 2015, p. 108).

Essas práticas ditatoriais, percebemos que a poética de Sophia se desperta no recomeço, refletindo suas palavras a sensação de ainda estar vivendo páginas em branco que trouxeram a esperança ao povo de que seria possível reescrever a história com a tinta de liberdade, conforme decorre do poema “A Forma Justa”, que integra o livro *O Nome das Coisas*, de 1977:

Sei que seria possível construir o mundo justo
As cidades poderiam ser claras e lavadas
Pelo canto dos espaços e das fontes
O céu o mar e a terra estão prontos
A saciar a nossa fome do terrestre
A terra onde estamos – se ninguém atraíçoasse –
[proporia

Cada dia a cada um a liberdade e o reino
- Na concha na flor no homem e no fruto
Se nada adoecer a própria forma é justa
E no todo se integra como palavra em verso
Sei que seria possível construir a forma justa
De uma cidade humana que fosse
Fiel à perfeição do universo

Por isso recomeço sem cessar a partir da página em branco
E este é meu ofício de poeta para a reconstrução do mundo
(Andresen *apud* Ferraz 2018, p. 284)

Neste limiar de um novo tempo em que se reacendeu a esperança da conquista de um mundo justo, Sophia convida a nação portuguesa à reconstrução dessa sociedade por fazer, como se fosse uma página em branco, capaz de reescrever sua própria história, em que ressalta o desejo de se alcançar a perfeição, num mundo onde ressoa a voz que clama por justiça e humanidade, mesmo que vivenciando um momento de violência e opressão, que abalava a possibilidade de construção do futuro.

Considerações finais

“A beleza é uma necessidade humana” – eis uma frase emblemática de Sophia que resume toda a sua intervenção política, social e literária ao longo da vida. A poeta portuguesa fala da beleza genuína, não da boniteza imposta por um padrão, para usarmos as palavras de Adélia Prado. Refere-se à beleza espontânea que torna o mundo melhor aos olhos e no sentir do povo irmanado com as elites, conscientes de sua missão. Com a sua obra, a poeta denuncia a ditadura portuguesa e luta, de forma visionária e exigente, pela construção de uma democracia de rosto humano.

A Revolução dos Cravos foi, para Sophia, um sinal de esperança para nações alienadas cujos governos agem de forma autoritária e desumana, não reconhecendo os direitos dos povos. Os dirigentes desses países revestem-se de discursos falaciosos, como forma de driblar o sistema político e social e implantar suas perversidades e interesses pessoais, em detrimento da procura do bem das pessoas. Disso é expressão a nação que Sophia descreve no poema “Essa Gente”, que é não só Portugal mas o mundo inteiro, porque a Revolução dos Cravos, com suas esperanças e promessas por cumprir, é um exemplo universal.

Impressiona a forma lúcida como a poeta, poucos dias depois de celebrar a Revolução em Portugal (no célebre poema “25 de abril”), se refere ao trágico distanciamento das literaturas portuguesa e europeia relativamente à literatura africana, no que esta pode significar de abertura ao mundo. Ao invés de falar das feridas da guerra colonial que terminava e do que isso poderia implicar de ressentimento ou separação entre Portugal e os novos Estados emergentes, Sophia dá o exemplo da literatura africana como parte do progresso e da concórdia no mundo.

É também extraordinária a forma como Sophia esclarece os motivos pelos quais decidiu passar a escrever para crianças, porque somente formando as crianças se pode transformar o mundo,

razão pela qual o ensino garantido a todos é tão importante. Com efeito, causava-lhe estranheza que nem todas as crianças pudessem compreender o que se escreve ou ensina, por não terem acesso aos livros em condições de igualdade.

É ainda necessário, em sua opinião, garantir o acesso de todas as pessoas aos bens essenciais, de que é exemplo a habitação. Segundo a autora portuguesa, deve preferir-se sempre uma casa bonita a uma casa feia, o que serve de justificação a uma política próxima dos interesses legítimos das pessoas que lhes garanta uma habitação condigna. É dessa forma que Sophia fala da importância do acesso aos bens, antecipando uma temática que irrompeu em toda a sua força no século XXI.

Talvez hoje Sophia estivesse mais satisfeita com os resultados da Revolução dos Cravos, quando vemos, em Portugal, um acesso maior aos livros infantis, inclusive junto das bibliotecas virtuais. Porém, não deixaria de continuar a denunciar a injustiça e a desigualdade marcantes de nosso tempo.

A coragem de Sophia, num tempo em que as mulheres não tinham ainda suficiente voz nos meios literários, e muito menos no espaço público, permite-nos repensar a questão da participação das mulheres na vida pública. Não temos dúvidas de que as mulheres podem deixar-se influenciar com proveito pela poeta que ousou enfrentar um regime autocrático durante décadas e lutou, com sua força poética, pela democratização de Portugal, assumindo-se como uma referência mundial. É por isso que se torna relevante levar o conhecimento de sua obra a outros países, começando pelos países de língua portuguesa, que ela muito amava e nos quais colocava muitas esperanças no devir do mundo. A circunstância de este trabalho ter sido escrito a quatro mãos por uma autora brasileira e um autor português é disso expressão e um tributo a Sophia.

Referências

- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *Coral e outros poemas*. Seleção e apresentação Eucanaã Ferraz. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- ANDRESEN, Sophia Mello Breyner. Entrevista concedida a Mª Conceição Ferreira Machado Vaz. Youtube, 10/nov/2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=in9wyfNOetg>. Acesso em: 02/11/2021.
- ANDRESEN, Sophia Mello Breyner. Entrevista concedida á Emissora Nacional em 1974. Youtube, 29/dez/2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e5JU6e44Iw8>. Acesso em: 02/11/2021.
- CAETANO, Marcello. *Constituições portuguesas*. 6ª ed. Lisboa/São Paulo: Verbo, 1986.
- CAETANO, Marcello. *Ciência Política e Direito Constitucional*. Lições feitas ao 1.º ano da Faculdade de Direito de Lisboa no ano lectivo de 1954-55. Lisboa: Coimbra Editora, 1955.
- FERRAZ, Ricardo. *Grande Guerra e Guerra Colonial: quanto custaram aos cofres portugueses?*, 2019. Disponível em: <https://www.gee.gov.pt/pt/estudos-e-seminarios/gee-papers-category/29103-grande-guerra-e-guerra-colonial-quanto-custaram-aos-cofres-portugueses>. Acesso em: 20/06/2022.
- NAHAS, Nathalia Macri. *Grades: uma leitura do projeto po-ético de Sophia de Mello Breyner Andresen*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2015. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tde-15072015-145800/publico/2015_NathaliaMacriNahas_VCorr.pdf. Acesso em: 20/08/2022.
- OLIVEIRA, Rita Barbosa. *Crítica social nas entrevistas de Sophia de Mello Breyner Andresen*, 2018. Disponível em: <http://>

- www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cesp/article/view/14235. Acesso em: 15/11/2021.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Tradução Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- PROGRAMA SEMPRE UMPAPO. *Aula magna: O poder humanizador da poesia*, 2008. Disponível em: <https://nossabrazilidade.com.br/adelia-prado-aula-magna-o-poder-humanizador-da-poesia/>. Acesso em: 15/04/2022.
- SHOWALTER, Elaine. “Feminist Criticism in the Wilderness.” *Critical Inquiry*, vol. 8, nº 2, Writing and Sexual Difference, Winter, 1981.
- SILVA, Vanessa Correia de Araujo. *A Geopoética de Sophia de Mello Breyner Andresen: paisagem e escrita*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC/SP, 2019. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/22639/2/Vanessa%20Correia%20de%20Araujo%20Silva.pdf>. Acesso em: 26/08/2022.
- SOUZA, Natália Salomé e PEREIRA, Vinícius Carvalho. *A Ginocrítica como exercício de metacrítica em novas cartas Portuguesas*. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498244566_ARQUIVO_AGINOCRITICACOMOEXERCICIODEMETACRITICAEMNOVASCARTRASPORTUGUESAS.pdf. Acesso em: 15/08/2022.
- Vinte e Cinco de Abril, Vinte e Cinco Poemas*. Disponível em: http://www.cm-paredes.pt/cmparedes/uploads/writer_file/document/1884/25_abril_25_poemas.pdf. Acesso em: 15/03/2022.

Esta obra foi impressa em papel *offset* 90 gs. Instrução Normativa SRF nº 71 de 24 Agosto de 2001. Na capa foi utilizado Papel Supremo, 250 gs., laminação fosca. Impressão e acabamento por processo digital *book on demand* da **METABRASIL GRÁFICA** a partir de arquivos do editor.
